

Desafios superam avanços na educação

Estudo mostra que, apesar de antecipar metas previstas para 2003, Brasil precisa reformular diretrizes para enfrentar o próximo século

As diretrizes da educação brasileira terão que mudar para enfrentar o século 21. O que parecia ser, até hoje, o maior desafio — pôr mais crianças na escola —, já não basta. Será preciso fazer com que os estudantes permaneçam no colégio, aprendam alguma coisa, e progredam até chegar à faculdade. Parece óbvio mas, pela primeira vez, o governo brasileiro decidiu usar números e estatísticas para descobrir o que terá que fazer para tirar o país da rabeira dos indicadores educacionais no mundo.

Estudo feito pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Pesquisas em Educação (Inep) mostra que, até 2008, poderemos ter chegado a uma evasão escolar de 2%, a repetência ficaria em 23% das crianças — seis pontos percentuais a menos do que é registrado hoje —, e mais de 10 milhões de adolescentes entre 15 e 17 anos deverão estar fazendo o 2º grau. O estudo leva em conta as tendências de mudanças dos índices registradas desde a década de 80. Mas, para que a realidade chegue nos números projetados pelo Inep, algumas barreiras terão que ser derrubadas.

O país conseguiu pôr 95% das crianças entre 7 e 14 anos na escola — uma meta que estava prevista para o ano 2003. Mas a repetência continua perto de 30% e a evasão caiu, em 17 anos, apenas dois pontos percentuais: de 6% em 1980 para 4% em 1998. Quase metade dos estudantes do país cursa séries abaixo das que deveriam estar cursando pela sua idade.

“A repetência fica, este ano, pela primeira vez, abaixo dos 30%, mantendo a tendência de queda”, registra o relatório preparado pelo Inep. Mas o mesmo relatório esclarece que, para continuar avançando, o país terá que investir para melhorar as escolas brasileiras. A

maior parte delas ainda sofre com problemas estruturais — há escolas no país sem água ou luz — ou de formação pedagógica.

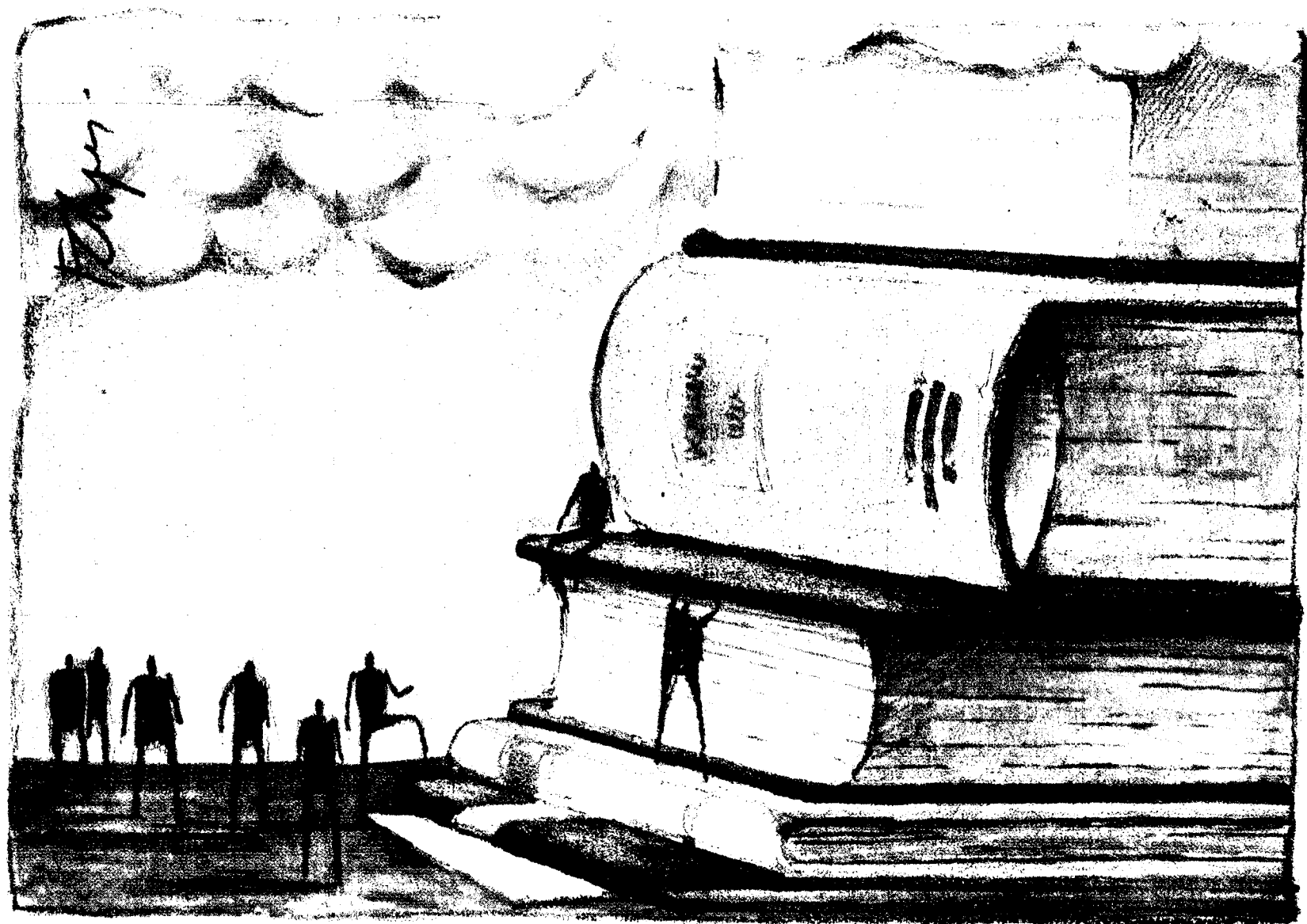
DESPREPARO

Mais da metade dos professores de 1º grau no Brasil (53,8%) não tem curso superior completo. Um quesito que o governo quer tornar obrigatório com o Plano Nacional de Educação, e que serviria para melhorar a qualidade do ensino. Para isso, cerca de 820 mil professores teriam que ir para a universidade nos próximos 10 anos. Seriam quase 100 mil formados por ano até que todos tivessem com diploma de ensino superior.

“O país não dispõe de professores habilitados em nível superior em número suficiente para preencher as funções ocupadas por profissionais do magistério que não possuem esse grau”, admite Maria Helena Castro, presidente do Inep, no estudo *Avaliação do Sistema Educacional Brasileiro: Tendências e Perspectivas*.

Os problemas de qualidade têm um resultado direto: a alta percentagem de repetentes, que causa um dos maiores problemas do ensino brasileiro hoje: a distorção idade/série. Na 1ª série do 1º grau, 40% dos estudantes são mais velhos do que deveriam; na 5ª série, são 55,6%.

“A distorção idade/série tem pelo menos duas consequências muito graves: os sistemas de ensino têm seus custos onerados em pelo menos 30%; a segunda recai diretamente sobre os alunos, afetando sua auto-estima e o seu rendimento”, conclui o Inep no relatório. Por causa disso, muitos deixam a escola para não voltar mais. A média de escolaridade do brasileiro hoje é de 5,9 anos de estudo. São dois a menos do que os oito obrigatórios do ensino fundamental.



Tecnologias exigem maior qualificação

A distorção média idade/série no primeiro grau das escolas brasileiras é de 47%. Em 1991, era de 64%. A queda dos últimos anos aconteceu principalmente nas séries iniciais. Segundo a análise do Inep, a principal causa das mudanças foi a implantação, em alguns estados, do chamado ciclo básico. O sistema elimina a repetência, acabando com o sistema de séries. A escola é dividida em ciclos, em que assuntos são vistos e revistos até que a criança aprenda, independente do tempo que isso leve.

Os ciclos só são usados até a 4ª série. Isso explica porque a 5ª continua sendo um gargalo — uma das séries em que mais estudantes deixam a escola. O que representa um entrave no caminho de outro dos objetivos do país para a educação no século 21: fazer com que mais crianças terminem o 2º grau e cheguem à faculdade. “O aumento da educação em nível superior tornou-se crucial para o desenvolvimento do país, uma vez que as novas tecnologias estão exigindo profissionais altamente quali-

ficados”, segundo o estudo.

O número de matrículas no ensino superior corresponde a cerca de 13% da população entre 20 e 24 anos. Na Argentina são 39%; no Chile, 27%; e na Bolívia, 23%. E no Brasil, se forem feitos os cálculos apenas com as pessoas entre 20 e 24 anos que estão de fato cursando a faculdade, o percentual cai para cerca de 6%.

Entre 1990 e 1998, a matrícula no ensino médio praticamente dobrou. Eram 3,5 milhões de alunos. Che-

gou-se a 6,9 milhões, segundo os resultados preliminares deste ano. A tendência, prevê o Inep, é que os números continuem crescendo rapidamente até 2008, chegando a pelo menos 10 milhões de alunos.

Menos de 30% da população brasileira entre 15 e 17 anos está no 2º grau. E mesmo que apenas metade destes estudantes quisesse ir para a universidade, não teria vaga. Entre 1983 e 1997, as vagas nas universidades cresceram apenas 15,78%. E a maior parte delas nas escolas privadas.